

D. QUIXOTE
um apólogo
da alma ocidental
de
San Tiago Dantas

Havíamos combinado com **SAN TIAGO DANTAS**, faz alguns dias, ontem talvez, o seu comparecimento ao ato público com que lançaríamos nacionalmente este seu *D. Quixote, um apólogo da alma ocidental*. Queríamos — os integrantes de **TEMPO BRASILEIRO** —, nós que o admirávamos, que o estimávamos e que o criticávamos até, render uma homenagem, a ele que se convertera num dos acontecimentos marcantes da cultura brasileira.

Hoje a nossa homenagem, à qual se incorporam os seus amigos **AUGUSTO FREDERICO SCHMIDT** e **AFONSO ARINOS DE MELO FRANCO**, adquiriu a melancólica configuração de um ato póstumo. Ele partiu numa viagem inesperada. Mas deixou conosco a sua presença nítida, irreversível, extraordinariamente fecundante. E perante ela depositamos agora o respeito de **TEMPO BRASILEIRO**.

Escolhemos o seu estudo *D. Quixote, um apólogo da alma ocidental*, porque identificamos nele um dos momentos mais altos da nossa perspicácia crítica. Porque o racionalizador implacável que existiu sempre em **SAN TIAGO DANTAS** se manifesta em todo o seu labor de ação ou reflexão. No ensaio, no exercício da cátedra, na tribuna, à frente da Chancelaria brasileira, o que projeta ele é a imagem do criador de razão. O espetáculo memorável proporcionado pela sua política externa era fruto precisamente desse poder racionalizador, de que se servia ele para moldar a imagem nova de um Brasil independente.

De um Brasil que, comprometido com o seu desenvolvimento nacional, recusava a

estreita concepção bipolar do mundo, repudiava a inquietação suicida dos belicistas. **SAN TIAGO DANTAS** foi um autêntico servidor da paz. Sabia que ela se confunde, hoje, com o destino da condição humana. E que garantir a paz é salvar o homem da destruição.

E **SAN TIAGO DANTAS**, intérprete e protagonista de lição civilizadora do Quixote, foi um pesquisador ávido de soluções para os nossos impasses. Lendo este seu *D. Quixote, um apólogo da alma ocidental* nós o conheceremos melhor. Retiraremos dele a “lição de purificação do mundo pelo heroísmo”. E encontraremos aí caminhos para o seu próprio entendimento. Havia em **SAN TIAGO DANTAS** muito desse herói sem falsificações que ele surpreende no Quixote. O herói despojado da sua tradicional indumentária retórica; o herói que encontra na prática silenciosa da fé a sua legítima heroicidade.

Quando se reconstituir a história desapaixonada deste Brasil apaixonado de hoje, uma figura sem dúvida se levantará nessa paisagem de planície: **FRANCISCO CLEMENTINO DE SAN TIAGO DANTAS**. E então perceberemos — com muito mais de remorso que de constatação pura — o quanto devemos a ele, o quanto fez ele para que tomássemos consciência da nossa destinação histórica.

ALFREDO MARQUES VIANNA
Diretor-Superintendente
EDIÇÕES TEMPO BRASILEIRO LTDA.

PREFACIO

No fundo, bem no fundo, não seriam tão opostos o personagem cervantino — Senhor Dom Quixote de La Mancha — e o lúcido Professor Francisco Clementino San Tiago Dantas. Ao fidalgo manchego, Cavaleiro da Triste Figura, subiu à cabeça a má literatura do seu tempo, de conteúdo fantasista; ao líder brasileiro, a vontade de se apossar do mundo o precipitou no sofrimento, numa espécie de autopunição, de penitência no deserto.

Não, não é impossível o paralelo ou, pelo menos, não são tão contrários os dois: o nosso intelectual ou político, e o personagem filho apenas do homem e marcado para as grandes tarefas reparadoras, justificadoras e nobres. As “salidas” quixotescas e as peregrinações eleitorais de San Tiago possuem, na sua essência, a mesma origem: a deformação da imagem do mundo, o julgamento dos seus deveres com uma total indiferença pelo que se chama *realidade*, e que é apenas a maneira solidária com que a loucura contempla e realiza as coisas que *parecem ser* e os sentimentos que habitam e movem os seres humanos, os objetos e brinquedos deste reino terrestre.

Alonso Quijano e Francisco Clementino, em certas épocas de suas vidas, abandonaram o conforto e passaram a lutar, a sofrer nas estradas e a ser repelidos em tudo o que tentavam. Armara-se o herói cervantino de uma estapafúrdia instrumentália de combate, e se oferecia de peito aberto aos seus inimigos imaginários; preparou-se,

também, Dantas, longamente, para a conquista do poder. Desde a adolescência estudou, afiou a espada, utilizou a poderosa máquina de compreender de que era dotado. Ao Senhor Dom Quixote, vestiu-o o seu autor com a túnica de pureza, a fim de preservá-lo unicamente da loucura, ou para que esta não o imolasse; San Tiago nasceu para classificar e clarificar as coisas, distingui-las, nomeá-las, retirá-las da obscuridade, fazê-las acessíveis ao entendimento sem, no entanto, vulgarizá-las — conservando-lhes a elegância necessária graças a uma formulação correta, simples. Dom Quixote manteve-se coerente com o seu alto e nobre engano até a véspera da morte; San Tiago Dantas, até o fim defendeu-se da pecha de incoerência e permaneceu impávido, fiel a tudo aquilo a que se abandonara; Dom Quixote converteu-se, porém, à lucidez e caíram-lhe as escamas dos olhos. Seu fim foi terrível porque se despiu de tal maneira de suas fantasias que terminou por deformar essa realidade à força de escravizá-la, de retirar-lhe qualquer sonho, qualquer encantamento. Foi tão longe a negação quixotesca, no final da vida do Cavaleiro, que as próprias pedras se comoveram e Sancho Pança cuidou que houvesse enlouquecido o seu amo de realidade. San Tiago Dantas, político, nada renegou porém. Na hora suprema da agonia, ou da luta final, confidenciou aos seus amigos que chegara para ele a fase de Job. Mantinha a máscara do “não está acontecendo nada”. Permanecia aparentemente fiel ao seu personagem exterior, à sua atitude de político que, para desculpar-se do seu sangue de nobre, aceitava as tarefas

menos condizentes com a sua grandeza intelectual e com a força de suas armas. Compreendera excessivamente (como sempre lhe acontecia) a realidade — mas a compreendera de tal forma, que essa realidade lhe fugira afinal e passara a ser um conceito, uma fuga, uma evasão. — “Se conheço o pensamento grego” — meditaria certamente o Mestre brasileiro na sua humildade —, “se dou nome certo aos problemas mais incertos, devo corrigir-me guardando os “patos” do meu Senhor. É a minha clarividência que me cega.” Dessa meditação quase mística é que incidia o seu julgamento da política num erro fundamental: acomodar-se e aceitar a grande penitência dos contatos inconvenientes e inadequados. O antiquixote aparente ficou dias e dias de cabeça baixa na Serra Morena do partidatismo. Quando aos seus olhos desvendadores passava a verdadeira Dulcinéia, julgava-a San Tiago a labrega de hálito forte, que tangia pelas estradas bichos úteis e jamais era seguida pelos falcões ou pelas aves insólitas e noturnas. Via com olhos magros o que era para ser visto planturoso, gordo, abundante. Descarnava os sonhos até o ponto de reconduzi-los de novo à sua própria origem. O Senhor fidalgo de La Mancha, porém, era de um perfeito equilíbrio em tudo. Ao contrário de San Tiago Dantas, buscava o absoluto, desdenhava as honrarias; não se verificava em sua alma nenhum movimento pendular; inclinava-se invariavelmente para uma só direção; aquela que lhe trazia maiores riscos, maiores perigos, maiores sofrimentos e jamais qualquer proveito. San Tiago, porém, se

desventurava ao dizer-se contente com o que praticou contra a sua própria economia espiritual e intelectual.

Insisto no tema da penitência de San Tiago; de um certo momento de sua vida em diante, transformou-se em político, em líder do antigo petebismo. Para San Tiago, deve ter sido uma verdadeira expiação a permanência nesse baixo plano estagnado da política. Como herói cervantino que, na Serra Morena, ficava de cabeça para baixo em vigilância e atenção ao seu perfeito Amor, Mestre Dantas se penitenciava de ser quem era, de sua altura intelectual, do seu preparo, de sua cultura, militando num partido político que, então, ainda não estava em condições de compreendê-lo, que não se motivava senão pelo interesse, pela conquista do poder.

Mas não quero insistir no que me poderia ocupar muitas páginas. Acho apenas necessário dizer ainda que essa espécie de paralelismo absurdo entre o assunto desta conferência admirável e o seu conferencista nasceu-me da lembrança de um jogo a que outrora nos entregávamos os dois — San Tiago e eu. Distraíamo-nos, muitas vezes, procedendo a uma crescente simplificação dos seres para, em seguida, tentarmos aproximá-los, por mais opostos que fossem.

Esta conferência — uma das realizadas na comemoração do IV Centenário de Cervantes, em 1947 — dará a medida do que foi San Tiago Dantas, da sua cultura, do seu poder de análise, de sua capacidade de respirar nos mais altos

domínios do pensamento e dos sentimentos humanos.

Esse “Dom Quixote”, “um apólogo da alma ocidental”, é uma espécie de *estudo semântico* do personagem de Miguel de Cervantes Saavedra. San Tiago apalpa com as pinças do entendimento as transformações do tipo até vê-lo instalado na sua categoria de símbolo, em símbolo mudado. É uma verdadeira viagem essa clarificadora, definidora ou transfiguradora. Em Quixote, saído das mãos do seu autor fresco e virginal, mas curvo e triste, encontramos perenemente esse homem humaníssimo e bom — D. Miguel de Cervantes Saavedra —, cuja vida foi uma ininterrupta sequência de fracassos, uma cadeia de frustrações, como hoje se diz: frustrações nas guerras que o deformaram, no casamento que o deixou ainda mais solitário, nos trabalhos, no ganha-pão burocrático que o levou ao cárcere por imprudência (dinheiro público colocado em banco que faliu); durante toda a sua vida Cervantes foi habitado por Dom Quixote.

Reencontro agora o tema de minha própria conferência, na mesma série em que falaram magistralmente Francisco Campos e Francisco Clementino San Tiago Dantas, entre outros. Esse meu trabalho — de que já não me lembro mais e cujo texto está perdido — só reviveu porque mereceu a referência de San Tiago quando este, na sua admirável conferência, observou o fato de ter sido a “solidão de Dom Quixote” o tema por mim escolhido. A maior das razões da solidão do bom Fidalgo da Mancha consiste, primeiramente, nos seus constantes desencontros; nasceu “cavaleiro

andante” numa hora em que não havia mais lugar nem mesmo para o heroísmo. Homem de uma época, viveu num período. Deus lhe deu essa contradição: fê-lo um sublime retardatário Amou de maneira que não se amava mais no seu tempo. Via Dulcinéia quando só existiam Aldonças e Maritornes. Encontrava “encantadores” quando não mais havia “encantadores” ou “espíritos” pelas estradas. Da cabeça aos pés, no espírito, no entendimento, no coração era todo ele um desencontro. Desse descompasso é que se originou a sua perenidade. “Não vai morrer. Que será feito dele” — dizia-me Louis Jouvet, um dos grandes do teatro de todos os tempos — “na hora do Juízo Final? Para onde irá esse vivo, que não é filho de Deus, mas tão-somente do homem, quando tudo se for?” Ninguém saberá responder a essa pergunta. Não o soube San Tiago Dantas. Nem Unamuno, nem Ortega y Gasset, nem qualquer outro dos grandes pensadores e mergulhadores de almas, que se debruçaram sobre essa estranha, ridícula e sublime figura que emerge em certos momentos nas criaturas feitas à imagem de Deus e que povoam com os seus sofrimentos e alegrias este planeta.

Revejo agora San Tiago Dantas na sua tribuna de conferencista, conferindo, com palavras precisas, o Solitário da Esperança, o Cavaleiro da Triste Figura. Falava Mestre Dantas com todas as virtudes da claridade e da penetração. Sua voz, que vimos, depois, rasgada e perdida, era então bela, harmoniosa, voz de quem compreende, de quem sabe o que está dizendo. Para onde foi essa voz que era a de um

escultor cuja matéria-prima era a própria palavra?

Mas já é tempo que o leiam os que não tiveram a graça, a alegria, a ventura de ouvi-lo.

AUGUSTO FREDERICO SCHMIDT

SAN TIAGO

Apesar de esperada há tanto tempo — talvez mais por ele do que por nós, seus amigos-chegados— a morte de San Tiago Dantas causou-me profundo abalo: Com ele desaparece a figura que, tomada no conjunto da sua rica complexidade, era, provavelmente, a mais importante da minha geração. No primeiro volume deste livro deixei dito como conheci San Tiago, há 35 anos, nos tempos heroicos da livraria de Schmidt, na Rua Rodrigo Silva, e como ele, Jorge Amado, Schmidt e Hamilton Nogueira, entre outros, foram, para mim, a revelação de que a literatura brasileira deixava de ser somente estética e se transformava em espelho de crítica social e de afirmação ideológica: de esquerda, de direita ou reformista cristã. San Tiago era; então, pouco mais que um adolescente; ainda não cumprira- 20 anos» Cheio de corpo, mas não gordo; cabelos pouco abundantes, mas não calvo; as lentes grossas já lhe cortavam o perfil marcado e belo, que herdara dos Carneiro de Mendonça, família por cujo sangue seus antepassados maternos se ligavam longinquamente aos meus, paternos, na então também longínqua Paracatu. Foram as glórias esquecidas e humanas do comum berço sertanejo, o assunto de algumas das nossas primeiras conversas. San Tiago amava profundamente a mãe, que entroncava em Dona Josefa Carneiro de Mendonça Franco; a brava revolucionária de 1842, também minha parenta e sogra do Visconde de Abaeté.

Cultuava igualmente muito a memória da avó paracatuense,

tendo por ela uma espécie de curiosidade construtiva, que logo me pareceu influenciada pelas leituras de Marcel Proust, para quem, como se sabe, a avó personifica também, em outra geração, a mãe amada, e é objeto de uma análise psicológica cujo rigor ofuscante só parece atenuado pela ternura. O retrato da avó, que me mostrava num velho daguerreótipo, envolta em seda negra, parecia-me a mim, também leitor de Proust, o símbolo de uma atitude literária; portanto artificial. Mas este julgamento era um erro, como mais tarde vim a verificar. O intelectualismo de San Tiago, fosse ele literário, jurídico ou político, não era artificial, mas instrumental. Certos espíritos captam o real pelo sensível, intuitivamente; outros, fortes mas rombudos, devastam a realidade quando supõem apressá-la pela força; finalmente alguns, e, entre estes, conspicuamente, o de San Tiago, só são capazes de penetrar a realidade com o agudo estilete do raciocínio. Não que ele, San Tiago, fosse insensível. Ao contrário, sensível era, e muito. Mas, nele, a sensibilidade só funcionava no campo afetivo; nunca influía na conduta, cuja pauta só era marcada pelas notas da inteligência. Verifiquei, aos poucos, que isto lhe era inerente, e, pois, nada tinha de artificial. Em toda a sua vida, principalmente na sua vida pública, os erros de apreciação e de conduta em que incorreu provieram, paradoxalmente, deste claríssimo poder de raciocínio. Porque, em certas oportunidades da política, a inteligência, tanto mais clara seja, mais riscos corre de conduzir ao erro. Quando chamava a atenção de San Tiago para esta verdade, e para os perigos paradoxais

que ela encerra, ele respondia sempre, rindo, que não compreendia a minha afirmativa e que, se ela fosse certa, não haveria remédio para ele, que não conseguia agir senão em função de prévios esquemas racionais.

"Já reparei que você — disse-me ele um dia — só consegue pensar de pena na mão, ou instalado na tribuna; elaborar e compor são, para você, atos conjuntos, mas eu não sou assim. No fundo não sei bem se você faz o que pensa, ou pensa o que faz." Confesso que esta resposta à minha crítica atingiu-me em cheio. Por isto mesmo não gostei. Mas aquela que eu lhe fazia não era menos exata. O mal de uma inteligência política super lucida, como a de San Tiago, é que, abandonada a seu próprio movimento e distanciada da sensibilidade, tende invencivelmente a sobrepor, ao que é, aquilo que deve ser. A Filosofia do Direito alemã, principalmente depois de Hans Kelsen, vulgarizou as duas noções sociais do ser (*sein*) e do dever ser (*sollen*). Mas se, na construção das hipóteses jurídicas, nas altitudes rarefeitas do pensamento kelseniano, o Direito se funde mais no abstrato do *sollen* do que no concreto do *sein* (porque, de certa forma, a *essência* ética e racional do Direito transcende e supera a sua *existência* social) já em política isto é impossível. Em política não se pode atingir o que deve ser senão pelo que é. Esta marcha, às vezes pedregosa, às vezes pantanosa, através do irracional, é que San Tiago era incapaz de empreender. Faltaram àquele Ariel as necessárias gotas do sangue de Caliban. Ele tomava pelo real o que não era, propriamente, fantasia, mas aparência, criada pelo

raciocínio. Construía uma realidade lógica, que pretendia tomar como vital. Incidia, então, nos erros que surpreendiam mais aos amigos que a ele próprio, porque encontrava, sempre, outras razões lógicas para explicar os motivos do seu erro, razões da mesma clareza daquelas que em breve o poderiam levar a errar novamente.

Em país diferente do Brasil, onde os acontecimentos políticos tomam ainda feição rústica ou natural (como as enchentes e as secas) e muito poucas vezes racional, um homem como San Tiago, que da natureza só conhecia diretamente as saladas, não conquistaria facilmente a confiança dos grupos elementares, de cujas maquinações depende a partilha do Poder. Em uma palavra, ele era superior ao seu meio, e ao seu tempo. De qualquer maneira, sua presença era imensamente importante, talvez insubstituível. Sua falta ficará marcada em nosso meio pelo vazio do seu lugar. O pobre Brasil fica mais pobre, menos capaz de soluções, sem ele.

Percorro de memória o longo, nunca acidentado caminho de nossa amizade a bem dizer fraterna. Lembro-me de nossa viagem universitária ao Uruguai, em 1938, onde fomos representar o Brasil, a convite do Ministro Capanema, em um curso latino-americano. Lá conhecemos professores, que viemos a encontrar depois, em conferências internacionais. Recordo de um episódio curioso dessa viagem, que, no dia de sua morte, me foi lembrado por Diná de Queirós, que dele o ouvira. Vínhamos os dois em um táxi, à noite, de Pocitos para Carrasco, em Montevidéu. San

Tiago falava, expunha, criava com a sua habitual facúndia e lucidez. Quando chegamos à porta do hotel o motorista perguntou-nos se tínhamos pressa. Que não, foi nossa resposta surpresa. Então o rapaz pediu-nos apenas esta coisa extraordinária: que ficássemos dentro do carro, parados, com San Tiago continuando a falar. O moço uruguaio, que entendia português, estava maravilhado com o que ouvia. Claro que nos sentimos logo stupidificados com esta estranha necessidade de exhibir, como num circo, a acrobacia das ideias. Saímos corridos com a nossa súbita burrice.

Revejo o brilhante concurso de Direito Civil, a cujas provas assisti; a rápida ascensão na carreira de advogado, que o levou às culminâncias da profissão, no País. Seu sucesso na advocacia era marcado pela mudança sucessiva de residências. A princípio a casinha minúscula, com livros pelo chão, em uma rua de Ipanema, que nem calçada era. Depois o apartamento de primeiro andar, em um bom prédio dividido em duas moradias, na Rua Barão de Jaguaribe. Em seguida a compra do andar térreo, para o alargamento da biblioteca; os primeiros trastes de luxo (foi em sua casa que, pela primeira vez, assisti à televisão); as reproduções de quadros famosos, trocadas por originais de boa qualidade. Enfim a bela mansão desta mesma Rua Dona Mariana; o painel de Portinari, a tapeçaria de Lurçat, o quadro de Duffy, a magnífica biblioteca: mansão de onde saímos a pé, para acompanhá-lo no seu repouso.

Lembro ainda nossos dias de convívio em Roma, ele vindo

de Nova Iorque, para batizar um dos meus netinhos. Nossos passeios vagarosos pelas ruas ilustres, nossas visitas aos livrheiros antiquários, ele me pedindo que lhe falasse de Stendhal na Cidade Eterna.

Fiquei comovido quando Roberto Campos comunicou-me que eu havia sido eleito, pelos mais velhos amigos de San Tiago, para exprimir a emoção comum à beira do seu túmulo. Posso dizer que, dos vários pleitos, políticos ou não, em que tenho me metido, desde o de orador da turma do colégio, nenhuma escolha me sensibilizou tanto como aquela, feita por um reduzido grupo, em momento de tal responsabilidade e significação. Procurei falar como se San Tiago nos estivesse realmente ouvindo; e não estaria? Procurei dizer naquela estranha presença insensível, o que sempre falávamos dele, na sua ausência. Falando tinha a impressão de que, do fundo do claro mistério, ele podia ouvir, sem constrangimento, o que a discrição nos fazia calar. E disse aquilo que realmente estava no fundo de todos nós. Que a ele, como estadista, se aplicava, no Brasil, o que há pouco se disse de Churchill, na Câmara dos Comuns: os mais velhos não conheceram ninguém parecido; os mais novos dificilmente encontrarão outro igual. Observei depois que, como homem, somente a morte veio dar-lhe a verdadeira dimensão de grandeza. Tudo o que nele se acusava de versatilidade, hedonismo, ambição e vaidade, se sublimou naquele fim, espartano pela bravura, estoico pela modéstia e moderação. Se vaidade havia, ela se fundiu no esforço de não provocar piedade, de não fazer sofrer os que

o amavam; se existia versatilidade e hedonismo, identificaram-se na calma com que, de um ano a esta parte, ele jogava indiferentemente as suas paradas nos dois tabuleiros, o da vida e o da morte; se restava ambição, ela transcendeu do pessoal para o nacional, pois, sabendo-se perdido, sua vocação de homem público o fez trabalhar até o fim, no encontro de soluções nacionais de que sabia não poder mais participar. Na véspera da crise final, que o prostrou, disse-me pelo telefone: “Estou como Mallarmé, que afirmava não se interessar pelo contingente, mas só sentir atração pelo absoluto.”

Em breve dois sentimentos crescerão enormemente, no Brasil, para com a memória de San Tiago Dantas: o respeito e o arrependimento.

AFONSO ARINOS DE MELO FRANCO

(Trecho do segundo volume, em preparo, do livro ***A Alma do Tempo.***)